

Menções Honrosas

“ Tia Gena”

Na verdade eu não conheço bem a tia Gena. Conheci. Mas fazia por não conhecer. Quando era pequena, achava que não gostava da tia Gena porque ela era bêbada e desdentada.

Da tia Gena sei que é casada com o Picheno e tem dois filhos e uma filha: o Picheno mai belho (o Zé, que também é muito bebedinho), o Picheno mai novo (o Manéu, que até é bem atinado, coitadinho do rapaz, mas muito defeituosinho de corpo) e a Minda, que é muito boa moça, mas de quem > sempre tive muito medo por ser atrasadinha (a culpa é da minha avó, que sempre lhe chamou atrasadinha quando ela não estava). Os Pichenos trabalham nos cemitérios. Preparam as lajes das campas. O Picheno pai, que é um frangalhote com as calças a cair por ele abaixo, ficava todo contente quando eu lhe chamava tio. Não que eu quisesse, até porque em miúda não tinha bem a certeza de termos algum grau de parentesco, mas porque tinha a leve suspeita que ele não sabia que lhe chamávamos Picheno. Quando era mesmo necessário dirigir-me a ele, ficava atrapalhada e em último recurso, soltava um tímido: 'Tio'. O tio Picheno tinha os dentes da frente. E quando sorria parecia um rato.

A tia Gena, pelo que contam e pelo que vi, sempre foi meia atolambada, mas ficava muito contente quando nos via. Sorria com aquela boca toda aberta e desdentada e quando nos dava beijos, sim, porque deles não nos livrávamos, os lábios vinham sempre molhados e com um cheiro característico. Aquela mulher sempre me cheirou a cabrito. Achava eu que naquela casa tão pobre, um corredor de barracos a cair, sito na Rua do Montinho, se devia comer cabrito do bom e do melhor, todos os dias. Hoje, tenho quase a certeza, que o cheiro dos lábios da tia Gena, era do tempero do cabrito, que nunca chegava a ser temperado.

Um dia tocaram à campainha da nossa casa nova, que era grande e tinha quintal. Eram os Pichenos anunciando a boda do seu mais velho. Entre escolhas de fatiotas, reclamações de eu não quero ir que nem os conheço bem, barafustos de eu não tenho dinheiro nem para o que é preciso quanto mais para gastar em prendas e quero mas é sossego e ninguém me deixa, lá fomos todos contentes e bem vestidos ao casamento do Picheno mai belho. Da cerimónia nem me lembro. Do vestido da noiva tão pouco.

Lembro-me e, ainda bem, do copo-de-água no restaurante domingueiro ao pé

da estrada. Depois do bacalhau, do tilintar nos copos e do beijo dos noivos, a tia Gena, já regada e feliz por ter o seu mai belho bem casado, faz-se anunciar da sua necessidade em ir à casa de banho. Os momentos seguintes não sei descrever com a mestria de combinar palavras que se exigiria. Qual Fénix Renascida, a tia Gena regressa da casa de banho no seu andar mais elegantemente desengonçado, com a sua boca mais sorridentemente rasgada e desdentada quanto possível e... sem saia! A histeria percorreu o salão. Braços no ar, mãos tapando olhos, gargalhadas sonoras, ai mulher que tu 'tás tola, convidados que iam fumar cigarros lá fora, espinhas de bacalhau engasgadas em gargantas, esta mulher que só me faz passar vergonhas, eu vou-me embora, tapem a Gena... e ela sempre sorrindo pergunta: "Ãm? Que foi?" enquanto fica especada e desnudada perante a plateia em delírio.

A minha avó de volta dela a tentar tapar o cú da Gena, com as suas duas mãos. A mãe da noiva lavada em lágrimas de volta da Gena a abanar continuamente a cabeça. As irmãs ora de um lado, ora de outro questionando a pobre Gena. E a tia Gena, sempre sorrindo pergunta: "Saia? Que saia?" A cena durou duas horas. Talvez dois minutos. Mas longos. Até que a minha mãe, sentada na sua cadeira em frente à mesa, onde ainda havia travessas de bacalhau crocante assado no forno recehado com queijo e fiambre, disse: "Vê-lhe por baixo dos collants." E assim se mata uma festa e se desvenda um mistério.

Só eu e a tia Gena continuamos a rir durante horas do que tinha acontecido. Naquele momento soube então o quanto gostava da minha fantástica tia Gena, que nos dava todos aqueles beijos e abraços como só ela podia.

Deolinda Maria Galvão Rodrigues